Augusta Sousa: “O meu sonho era nunca ficar fechada numa sala”

29 Julho, 2023

PERFIL

Figura de proa da enfermagem portuguesa, Maria Augusta Sousa começou a sua carreira com 21 anos, no Hospital de São José. No início dos anos 80, torna-se coordenadora do Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul, posteriormente Sindicato dos Enfermeiros Portugueses.

Nesse papel, liderou lutas e conquistas históricas para a enfermagem, começando no Caso de Faro, em 1984, passando pela integração do ensino de enfermagem no ensino superior, a carreira de enfermagem de 1991, o Regulamento do Exercício Profissional dos Enfermeiros – REPE – e a criação da Ordem dos Enfermeiros.

Foi Bastonária deste órgão por dois mandatos, entre 2003 e 2011, integrou o Conselho Diretivo do Conselho Internacional dos Enfermeiros, uma federação constituída por mais de uma centena de associações nacionais de enfermeiros, foi agraciada pelo Ministério da Saúde com a Medalha de Ouro pelo seu contributo enquanto líder sindical e associativa.

Nesta conversa de vida com ela para o n.º 122 da revista “Enfermagem em Foco”, enquanto comíamos travesseiros de Sintra, descobrimos a mesma mulher de visão e mente clara e aguçada, de riso fácil e humor inusitado, a mulher que mantém no seu foco principal aquilo que lhe dá motivação e energia vital: as pessoas, sempre. Maria Augusta Sousa é, além de tudo o mais, uma pessoa de pessoas, como ficou patente logo na sua primeira, e inesperada, resposta.

Se não fosse enfermeira, o que é que seria?

Taxista.

Porquê?

Olhe, era uma forma de contactar com pessoas, sempre. (risos)

O que gosta na enfermagem é o contacto com as pessoas?

Sim.

Qualquer outra profissão que tivesse esse contacto com as pessoas poderia ser escolhida?

Sim, podia.

Então porque escolheu ser enfermeira?

Inicialmente, não tinha a escolha muito clara. A única coisa que sabia era o que não queria, isso era muito claro. Não queria ser secretária administrativa, não queria ficar a trabalhar num restaurante. E mais do que saber o que queria, era isto.

A escolha de ser enfermeira tem a ver com um percurso com pessoas amigas. Em determinado momento, pensei em assistência social, enfermagem, andava por esse meio, qualquer coisa a ver com a área social. E ser enfermeira era uma possibilidade de estar com os outros, contribuir para que os outros estivessem melhor.

Sentia essa vontade de cuidar?

Sentia que podia dar o meu contributo. Se era capaz de cuidar bem ou não, só depois é que pude saber.

Portanto, nunca foi como aquelas pessoas que dizem que sempre tiveram o sonho de ser enfermeira?

Não, não, nunca tive esse sonho. O meu sonho era nunca ficar fechada numa sala.

Ser enfermeira impediu-a, enquanto mulher, de conseguir cumprir outras vontades ou sonhos?

Não, não tenho essa noção. Fui sempre fazendo o que queria e o que gostava de fazer.

E o que gostava de fazer?

Eu estive muito tempo no movimento juvenil, na Juventude Operária Católica [JOC], e sempre andei por aí. Além de ser enfermeira, sempre andei por aí, fazendo coisas e contribuindo com aquilo que sabia e podia, nunca senti que me impedia de fazer o que eu gostava de poder fazer.

Quando começou a estudar enfermagem?

Em 1964, com 17 anos. Só se podia ir com 18 anos e eu tinha 17, tinha de se levar uma carta do padre ou do Presidente da Junta de Freguesia a dizer que tinha bom comportamento. Eu, na altura, já andava por essas coisas da JOC e então pedi ao padre para passar a recomendação.

Hoje em dia ainda tem alguma ligação?

Tenho ligações construídas durante muito tempo com amigos. Estive durante muitos anos e hoje continuamos a encontrar-nos de vez em quando, a partilhar coisas com gente que continua comprometida, como eu. Estive há pouco na Covilhã com amigos que estiveram comigo na JOC, na equipa nacional, organizaram um debate sobre o Serviço Nacional de Saúde e convidaram-me.

Ainda sente que tem energia?

Aquela que posso ter. Já não tenho 20 anos, já não ando na minha Vespa. (risos)

Mas tinha uma Vespa?

Sim, comecei com uma Vespa 50, pequenina, com 21 anos.

O meu pai ajudou a que eu comprasse a Vespa, convencido que eu vinha mais a casa por ter a Vespa. Vivia e trabalhava em Lisboa. Eu saí do Cacém quando estava no segundo ano da Escola e fui para Lisboa, para o Lar das Enfermeiras, lá convenci a minha mãe que era a melhor forma para eu estudar, com 18 anos. Quando terminei, os meus pais, sobretudo o meu pai, convenceu-se que eu voltava outra vez para casa deles, mas eu resolvi ficar em Lisboa. O meu pai ajudou-me a comprar a Vespa, foi ter comigo a perguntar se queria tirar a carta de condução. Eu disse-lhe que não queria, mas que uma motinha me dava jeito. E foi assim, foi comigo comprar a mota, em segunda mão, com 18.000 km – isso não funcionava, teve sempre 18.000 km.

Com essa Vespa andei por tudo que era sítio, com a Guarda Nacional Republicana a perguntar se os meus pais sabiam que eu andava por aí.

Depois teve outras?

Depois juntei mais dinheiro, comprámos uma 125 e ficou também a 50. Aí, já estava a tempo inteiro na JOC e juntámo-nos três e comprámos uma 125, que ainda existe, está com esse amigo da Covilhã. Com essa 125, então, dei a volta ao país nela. Depois esse amigo casou, foi para a Covilhã, levou a mota e a gente comprou uma 180.

Nunca teve receio, teve algum acidente?

Não, nunca tive. A primeira vez caí em Lisboa, quando ainda andava ali um bocadinho a tremer, mas isso faz parte.

Enquanto enfermeira, alguma vez se sentiu desvalorizada?

A minha experiência na enfermagem é uma experiência muito positiva, eu sou da geração das coisas boas, sou da geração do ganhar e tenho esse privilégio.

Porque diz que é da geração do ganhar?

Porque a minha geração, a geração do pós-25 de abril, conseguiu conquistar, nas décadas de 80 e 90, – com muitas lutas, foi sempre necessário lutar – mas conseguiu alcançar muitas coisas. Por isso, acho que foi uma geração ganhadora, uma geração que ganhou para a enfermagem, em termos da carreira, em termos do ensino, em termos do Estatuto, em termos da Ordem. Até ao final da década de 90, concretizaram-se praticamente todos os objetivos que tinham sido definidos no I Congresso de Enfermagem, em 1973.

A geração de 1973 foi a geração de pensar o que era preciso e eu sou da geração da concretização. Por isso, penso que sou uma privilegiada.

E como foi viver o 25 de abril, pessoalmente?

Na altura, não estava a exercer a profissão, já estava a tempo inteiro na JOC. Foi uma coisa… Nem sei explicar muito bem. A emoção foi tão grande.

Já tinha a motinha, já tinha a 125, e de manhã tínhamos uma reunião marcada e ligaram-me a dizer para ligar a rádio. A gente ligou a rádio e como estavam a dizer para o pessoal de saúde se dirigir aos hospitais eu peguei na minha batinha e fui ao Hospital de São José. Acho que era o normal fazer. Cheguei lá, disseram que não era preciso e vim-me embora outra vez.

Foi uma sensação de liberdade, uma coisa espetacular. O dia mesmo, nunca mais nos esquecemos na vida. À tarde, fomos para o Largo da Misericórdia, queríamos ir para o Carmo mas não conseguimos. Estava a Guarda Republicana na Misericórdia e os militares no Carmo e o risco que se avizinhava é que podia haver confrontos e pediram-nos para sair. Nós saímos, descemos por ali, rádio na mão, a ouvir. Entrámos na rua do Coliseu e houve um disparo de tiros, entrámos todos pelos cafés que estavam abertos, mas tinha sido na subida da Calçada do Carmo.

Nem sei dizer bem da sensação. Fica a noção do tempo que passou.

Nós, na JOC, fazíamos um jornalinho e decidimos fazer um jornalinho para o 1º de maio e sentámo-nos, cada um no seu sítio, e dissemos “Então agora, vamos escrever tudo o que quisermos.” – isto porque o nosso jornal ia todos os dias à censura e tinha sempre cortes e mais cortes – e é impressionante como nós não conseguíamos escrever tudo o que queríamos. Impressionante. A marca que isto deixou, e só tomámos consciência disso no momento em que tínhamos de escrever e não éramos capazes.

A palavra *Liberdade* não a podíamos usar, a palavra *Solidariedade*, a palavra *Povo*. Naquele momento já podíamos escrever isso tudo, mas como enquadrar isso num pensamento livre? Foi preciso reaprender.

E sentiu isso em outras questões do dia-a-dia?

Eu, sobretudo, senti que o medo que nos instalaram demorou muito tempo a sair, de uma forma absolutamente inconsciente. Antes, estávamos sempre à espera que a PIDE aparecesse e, a partir do 25 de abril, isso já não acontecia, mas o receio de que acontecesse qualquer coisa continuava. E estamos a falar de um movimento da Igreja.

A PIDE um dia foi lá e não foi brincadeira. Nós fazíamos uns calendários e um deles, na contracapa, tinha o símbolo da paz e dizia *Liberdade aos oprimidos*. O calendário não ia à censura, só o jornal, e nós aproveitávamos. Eram uns 10.000 calendários, a distribuir por todo o país. Nós tínhamos tido uma informação que eles iam aparecer e só tínhamos lá três calendários, no Secretariado Nacional. Vasculharam tudo, camas – nós dormíamos lá – cómodas, roupas, a cozinha, louça. O que mais me chocou foi quando o agente foi fazer o auto e tive a noção que estava ali perante uma pessoa que quase não sabia escrever. Pensei: “Estes homens são mandados para isto e mal sabem escrever.”

Nós tínhamos treino para a possibilidade de sermos presos e torturados, fazíamos treino uns aos outros, como se estivessem a torturar-nos. Uma das coisas era que tínhamos de pensar noutra coisa. Outra vertente era, quando te baterem, não grites. Tentávamos bater uns aos outros, para não gritar. Felizmente, nunca me aconteceu, mas aconteceu com amigos meus.

Como é que foi a entrada no movimento juvenil?

Eu entrei muito jovenzinha, entrei com 14 anos, 13, 14. Isto era organizado nas paróquias, e eu fiz a minha formação cívica, política, aí. Foi aí que eu aprendi o que era intervenção política.

Mas já sentia esse pendor antes ou surgiu a partir do momento em que se juntou ao movimento?

Bem, eu entrei com 13 ou 14 anos, portanto, a única coisa que eu achava nessa altura era que tínhamos de participar nas coisas.

Era um movimento de Igreja, sempre que saíamos de uma reunião levávamos objetivos concretos para concretizar até à semana seguinte, trazíamos de novo o que fizemos, o que encontrámos. No fundo, era olhar para a realidade social, olhar para a realidade dos jovens, trabalhadores, trazer, avaliar e refletir sobre isso.

Isso pode ter algumas pontes com o trabalho enquanto sindicalista.

Tem, tem. Não tenho dúvida que é daí que vem a minha raiz. A minha aprendizagem de participação e de compromisso vem do tempo da JOC, não tenho qualquer dúvida.

Depois houve um tempo em que não andei lá e, aos 18 anos, voltei. Comecei a trabalhar e fui a tempo inteiro, para a equipa do conselho, primeiro, e depois para a equipa nacional e depois fui Presidente Nacional.

Como foi estar nesse papel?

Olhe, dando o melhor que sabia, tentando contribuir, tentando juntar pontes, que, às vezes, é preciso.

Eu fui Presidente Nacional e aquilo eram dois movimentos, o feminino (JOCF) e o masculino (JOC) e eu fui Presidente Nacional da JOCF; entretanto, juntámos os dois movimentos e eu fiquei Coordenadora do movimento único. Em 1975, fui para a JOC internacional e estive em Bruxelas 4 anos, até 1979.

E como foi essa experiência internacional?

Bem, essa então… Já tinha ido a um estágio de formação, à Bélgica, em 1972, e, em 1975, fui para ficar.

Foi uma experiência riquíssima, conheci outra gente, outras culturas, andei em vários países e isso permitiu-me relativizar muita coisa. Nós aqui, em Portugal, olhávamos para os alemães, eles eram os ricos e nós éramos os pobrezinhos – e até um bocado verdade. Quando eu fui para a JOC Internacional, o primeiro país onde fui foi às Filipinas, estive três semanas, e achei que Portugal era o país mais rico do mundo. Relativiza-se imediatamente as coisas. A experiência nas Filipinas marcou-me brutalmente. Pensar que as pessoas para tomarem banho tinham de ir ao rio. Para mim, por deferência, iam buscar um balde ao fontanário e um balde era um dia de trabalho daquela gente. Quando dei conta disto, claro que comecei a ir ao rio também. São experiências que nos obrigam a olhar a vida de forma diferente e a alargar horizontes.

Depois estive em vários países da Europa, depois estive no Brasil, na Colômbia. Conheci muitas culturas diferentes e acho que uma das coisas que me tem ajudado na vida tem sido isso. Mesmo em enfermagem, quando eu fui para o Lar das alunas, na altura, havia gente de Angola, de Moçambique, de São Tomé, e isso permitiu-me uma compreensão de culturas completamente diferentes, mesmo desde aí. A minha veia foi sempre de partilhar vivências e experiências, das pessoas e do próprio país, perceber os colegas que vinham da Beira, da Guarda, de Bragança, do Alentejo. Esta veia e a minha curiosidade permitiram-me perceber que não há coisas taxativas, que não há verdades absolutas e que o mundo é maior que nós e isso ajudou-me no trabalho.

Mesmo no SEP, e mesmo antes, no SEZS, estava muito presente a ideia de criação de redes internacionais e ir beber experiências internacionais.

Sim, acho que dei um contributo para isso. Sobretudo, acho fundamental a noção de que é preciso perceber o que se passa no mundo para podermos construir o que se quer, porque se não ficamos aqui numa ilha e uma ilha é inundada pelo mar num instante.

No SEP, há algum momento que guarde como particularmente feliz?

Eu sou do processo de criação do SEP.

Eu entrei na Direção, em 1982, antes de haver SEP. Reuníamos mensalmente os quatro sindicatos, Norte, Centro, Sul e Madeira, foi preciso gerir muita coisa porque sabíamos que eles diziam uma coisa hoje e amanhã faziam outra e nós fomos tentando o máximo de concertação possível. Conseguimos construir um caderno reivindicativo comum, entre os 4 sindicatos. Andámos no país inteiro, um dirigente do Sul, um dirigente do Norte, um dirigente do Centro, um da Madeira, a divulgar o caderno. Isso permitiu que os colegas, que não eram do sul, percebessem que havia perspetivas diferentes, que todos intervinham e isso criou um espaço de debate nacional que não existia.

Isto ajudou que colegas do Centro se movimentassem; um grupo ainda jovem – como o José Carlos Martins, que pertenceu a esse movimento, ainda na escola -, percebeu que havia formas diferentes de desenvolver o trabalho.

Este grupo de jovens enfermeiros do Centro movimentou-se e fizeram um abaixo-assinado em como se queriam filiar no Sindicato do Sul, mas isso não era possível e foi isso que deu origem ao SEP, por alteração estatutária. Mudámos para sindicato nacional.

Acho que foi um momento muito importante porque permitiu fazer uma discussão de coisas que anteriormente não era possível fazer porque antes cada um fazia a sua e alguns não faziam nenhuma.

E assim o movimento também tinha menos força.

Claro, porque os outros roíam a corda. A última coisa que fizemos com eles foi uma reunião do Ministério, em plena negociação de carreira. Nós, eu, a Isabel Sanchez e o Timóteo, da Madeira, estávamos à espera que eles chegassem, do Porto e Coimbra, o Secretário de Estado a pedir-nos para subir e nós a pedir desculpa porque estávamos à espera dos colegas, até que o Secretário de Estado nos dá ordem para subir e nós subimos e ele disse-nos que eles já lá tinham estado e já tinham negociado tudo. Tínhamos feito uma conferência de imprensa na véspera, juntos. Aí foi a ruptura.

Voltando aos momentos de felicidade, lembro-me de três.

O primeiro, a Greve de Faro, em 1984. Foi a melhor experiência coletiva que eu tive na vida, em termos de luta e de organização. Foi de uma dureza grande, mas de uma capacidade de participação dos enfermeiros espetacular. Nós fazíamos reuniões na saída dos turnos da manhã, depois fazíamos reuniões no turno da tarde, no turno da noite, na morgue, ao lado da morgue, era a salinha que nos tinham dado. Todos sentados em cima de umas caixas. Aprendemos muita coisa. A Isabel Sanchez, que era outra dirigente, estava responsável pela coordenação com a Enfermeira Diretora, e eu com o pessoal. Fazíamos comunicados aos enfermeiros, comunicados à população, foi uma coisa linda.

Esse foi um marco, para mim, muito importante. A criação do SEP também foi muito importante e depois a integração da enfermagem no ensino superior foi muito importante e uma grande satisfação, porque foi uma luta ganha para a profissão. Aí havia duas facções, as mesmas facções que existiram no movimento das auxiliares. Não as mesmas pessoas, mas a mesma lógica, a mesma mentalidade.

Na integração do ensino de enfermagem, nós tínhamos três anos do curso geral, na altura, e estava provado que a maioria de quem estava a entrar na enfermagem já tinha o propedêutico, o 12º ano, por isso já tinha condições para poder ingressar na universidade. Isso foi um peso importante para justificar porque é que era importante passar para o ensino superior, mas a questão também era o que iria acontecer aos que cá estão. Uns defendiam que não havia equivalências, se quisessem que fossem fazer a licenciatura, e nós achávamos que tínhamos de

encontrar uma forma de reconhecimento daquilo que é a formação, daquilo que são as competências adquiridas, de dezenas de anos de trabalho das pessoas.

Isto pode parecer uma coisa simples, mas foi dura porque quem queria a outra linha tinha mais influência no poder político do que nós. Tivemos de fazer muita coisa. Greves, manifestações, tudo e mais alguma coisa, e conseguimos que fosse a linha que defendíamos a que venceu. Por isso digo que somos geração ganhadora.

O decreto é publicado a 23 de dezembro de 1988, a integração da enfermagem no ensino superior. Dois ou três meses antes, saiu um projeto de regulamentação da Lei de Bases da Educação, porque foi à luz dessa lei (do artigo 12, alínea 4) que conseguimos encontrar formas de permitir a forma correta de perspetivar o futuro. O projeto de regulamento da Lei de Bases dizia que a enfermagem era do ensino técnico-profissional, ficaríamos ao nível do secundário. Isso foi o gatilho, foi o suficiente para juntar gente que nunca se queria juntar. Houve uma manifestação que se reuniu no Hospital de Santa Maria, para o Ministério, e foi toda a gente. Até os docentes vieram.

Foi um momento de grande dificuldade, mas que era discutido. Sobretudo era pensar o futuro. Sem a integração do ensino de enfermagem não teríamos enfermeiros com mestrado, com doutoramento, que hoje é um dado adquirido. A questão fundamental da integração do ensino tem a ver com a perspetiva de futuro da profissão, mais do que se ia passar logo a seguir.

E vai permitir depois a construção do Estatuto, do REPE.

Essa foi a etapa seguinte, estas datas estão calendarizadas.

É bom percebermos que a essência da luta pelo REPE nasce em Faro, foi um marco importantíssimo. Nasce ali porque não havia regulamentação da profissão que pudesse garantir a autonomia da profissão, o Sindicato não podia interferir em questões deontológicas. Até à saída do Estatuto Profissional, em 1996, a lei de 1944 – o Estatuto dos médicos – dizia claramente que éramos auxiliares deles. Isto é muito recente; historicamente, isto foi ontem.

Demorou anos.

Para se conseguir sair o REPE, andámos para trás e para diante. A Ordem dos Médicos interveio para que não saísse e tinha colegas que defendiam que havia intervenções dependentes, que isso devia ficar no REPE. Isso foi outra guerra. Outros colegas defendiam que devíamos pôr lá uma lista de tarefas, o que significava que a profissão nunca poderia crescer. E eram enfermeiros de alto gabarito que propunham estas coisas. Foi um dia inteiro a discutir, para conseguir convencer que não podíamos por lá dependentes, mas conseguiu-se, mesmo com uma cisão dentro do SEP.

Este foi um momento muito importante, mais do que definir se era Ordem ou se não era Ordem, se era uma Associação de Direito Público. A questão central era que, quando fosse criada a Associação e a regulamentação que fosse garantir o controlo do exercício profissional, tinha de haver o quadro regulamentar da profissão porque se não ia fazer o controlo de quê?

E houve algum marco que tivesse ficado por fazer?

Não, não tenho esse sentimento. Pode até haver momentos em que eu achava que podíamos ir mais longe ou assim, mas não tenho esse sentimento de perda.

Acho que fomos construindo, foi um processo de construção muito bonito e isso é muito bom e por isso digo que sou uma privilegiada. É um privilégio construído com muita gente, com algumas divergências internas, mas tudo isso faz parte e até ajuda, ter perspectivas diferentes. Estive na Direção com gente muito diferente uns dos outros, de partidos diferentes.

Há uma ideia de que a Augusta é uma das principais figuras da enfermagem em Portugal. Concorda com essa ideia?

Não, acho que dei o meu contributo com o que sabia e podia, dando sempre o meu melhor, mas não me sinto especial, sinto que há muitos que contribuíram tanto quanto eu.

Eu tive uma vantagem. Tive a experiência do movimento juvenil, aqui em Portugal e depois lá fora. Quando entrei no Sindicato, vinha com um nível de maturidade superior, uma abertura, um horizonte maior. Acho que essa foi a mais-valia que eu trouxe para o coletivo.

Isso tudo, mas também tem de haver uma capacidade de liderança e de visibilidade para assumir esse lugar.

Sim, isso aceito.

Então reconhece-se como uma líder, mas não necessariamente que tenha sido especial.

Sim, acho que fiz o que achava que era preciso fazer, não sei dizer isso de outra maneira.

Foi uma liderança para o coletivo.

Eu não a entendo de outra maneira, tenho dificuldade em achar que isso é uma coisa muito especial. Esta é a minha maneira de olhar a vida e de estar nas coisas e quem me conhece sabe que é assim. Esta é a minha forma de estar. E de mandar, às vezes. (risos)

Saindo da Augusta sindicalista e voltando-nos para a Augusta enfermeira, houve algum paciente que a tenha marcado particularmente?

Lembro-me de uma situação que me pôs de rastos. Eu trabalhava num Serviço de Medicina, no Hospital dos Capuchos. O Serviço de Medicina tinha 18 camas de Hematologia, tinha 55 doentes, com duas alas. Nós fazíamos noites sozinhas, noites e tardes, com a auxiliar, era uma loucura. Numa das voltas que dava ao serviço, duas da manhã, chego ao pé de uma doente que estava sentada na cama, Dona Ermelinda, chamava-se. E eu perguntei: “Então, Dona Ermelinda, não está a dormir?” E ela: “Não tenho sono.” Sabem o que é a sensação de a gente perceber que se está a passar qualquer coisa e não saber o que é? Uma coisa terrível. Perguntei-lhe se se sentia bem e ela disse que sim. Fui ver se tinha febre, fiz tudo o que achava que era possível fazer e depois disse-lhe para se deitar e descansar. A senhora deitou-se e eu passei por lá meia hora depois e ela tinha morrido.

Fiquei de rastos. A senhora teria os seus 60 e tal anos e ainda hoje não sei de que é que a senhora morreu. Eu tinha 32 anos.

Quando comecei a trabalhar, estive num serviço que se chamava serviço de abortos, na época. O serviço chamava-se Anexo de Santa Bárbara, mas todos lhe chamavam o serviço de abortos, porque iam para lá as mulheres que tinham abortado, aborto espontâneo. Eu acabadinha de sair da escola, com 21 anos; éramos cinco e, na altura, quem tinha o curso de Enfermagem Geral ia para o gabinete da chefe, para ajudar a chefe. Nós resolvemos dizer que não queríamos ir para o gabinete e queríamos ir prestar cuidados. A Superintendente da época, a Enf. Repenicado Dias, falou connosco, mandou-nos para Obstetrícia e lá fomos.

Começámos a ouvir que iam abrir o Anexo de Santa Bárbara, conferenciámos e fomos à Superintendente para irmos abrir nós o Anexo. Ela achou que éramos tolas, mas tanto insistimos que ela acedeu e deu-nos a chave. Quando abrimos a porta, vimos as camas todas podres, as roupas todas podres, os ferros todos enferrujados. Fomos outra vez ter com ela, a dizer que não podíamos abrir o serviço assim, sem condições. Ela mandou-nos ao armazém para pedir o que precisássemos ao fiel, o encarregado do armazém. E conseguimos e abrimos um serviço impecável, 33 doentes.

Houve ali situações complicadas. Nós éramos umas gaiatas, comparadas com aquelas mulheres que lá estavam. Houve uma senhora que esteve lá, muitas das pessoas eram do Casal Ventoso ou da Musgueira, e essa senhora entrou lá com uma septicemia, pensámos que ela ia morrer e a médica disse: “Senhora enfermeira, ela provavelmente vai morrer mas vamos experimentar. Ponha todos os antibióticos que tiver aí e ponha num cocktail.” Fizemos o cocktail, pusemos aquilo a escorrer a fio, e a senhora salvou-se.

Também lá estava no tremor de terra. As paredes de São José eram grossas e aquilo era mesmo ao lado da Urgência, onde são hoje os serviços administrativos da urgência. Eu já estava na JOC e estava a preparar um texto que tinha de ser enviado. As pacientes estavam todas a dormir, eu dei a volta e fui para o gabinete, tirei o *cap* e comecei a escrever. De repente, as paredes começaram todas a tremer. Lá pus o *cap* logo outra vez. As senhoras começaram todas a acordar e a querer levantar-se. Aquilo tinha três degraus, de onde eu estava para a enfermaria. Eu dou um grito, nem me perguntem como, mas dou um grito de *ninguém se levanta*! E as mulheres todas voltaram a deitar-se. Nós sem luz, eu sem pilha, tudo às escuras, as senhoras todas a gritar. Então, fui lá fora, onde estavam as ambulâncias dos bombeiros, e pedi-lhes para ligarem as luzes e virarem as ambulâncias para as janelas. Cheguei ao serviço, aquilo era uma maravilha. No dia seguinte, uma das doentes disse: “Ah a senhora enfermeira deu um grito, mas estava mais branquinha que a sua bata.” São coisas de que nunca mais nos esquecemos.

Voltando à hematologia, já estava com 32 anos, mais madura e experiente. Eu entrei no serviço, em dezembro, depois de chegar da Bélgica no fim de novembro. Entrei com uma condição. Tinha andado a ver se arranjava, na escola, no hospital, num centro de saúde, que me aceitasse para fazer a reaprendizagem de enfermagem porque eu tinha estado 10 anos fora e pensava que isto tinha mudado muito e sentia que tinha de reaprender, com o mínimo de responsabilidade. Tomei um café com uma amiga, colega de curso, e na véspera tinha recebido uma carta da Suíça onde faziam estes cursos de reaprendizagem a dizer que podia ir e eu disse à minha colega que na semana seguinte ia embora; ela disse-me logo que não ia e fomos aos Hospitais Civis de Lisboa. A enfermeira responsável pelo pessoal recebeu-nos e eu disse-lhe que ia com condições, que não ia assumir responsabilidades sem estar preparada. Fui para os Capuchos, para a Medicina, e foi uma experiência muito interessante. Eu era a mais velha, as minhas colegas tinham um ano de profissão, permitiu coisas espetaculares, uma relação com a equipa médica muito boa, a equipa de enfermagem fortaleceu-se.

Além de enfermeira e sindicalista, quem é a Augusta?

Gosto muito de comer e não gosto muito de cozinhar, não sou muito caseira, sou mais de andar por aí. Gosto muito de sair, de estar fora de casa, estar com amigos. A minha vida é sobretudo isso.

Tem algum hobby?

Gosto de ouvir música, gosto muito de ler. Gosto muito da Hannah Arendt, estou a ler um livro dela: “Entre o passado e o futuro”.

É uma leitura muito politizada, não é um romance.

Não, não, eu de romances gosto muito pouco. É muito raro ler um romance.

E qual é a próxima viagem?

Agora gostava de conhecer países de África, particularmente o Quénia e Moçambique. Moçambique porque tenho lá gente amiga e gostava de poder partilhar com eles, o Quénia porque é o imaginário de África.

Viajar é um prazer.

Sim, se pudesse andar sempre de um lado para o outro era o que queria.

Qual é a qualidade que mais aprecia em si?

Acho que é esta minha forma de estar com os outros. Gostar de partilhar, de estar com os outros, viver a vida.

É uma pessoa de pessoas, é isso?

Eu acho que sou. Não sei viver de outra maneira.

E qual é o defeito em si que mais a incomoda?

Bem, tenho muitos. Há um que pode ser qualidade e pode ser defeito: é nunca desistir. Acho que às vezes sou chata, mas às vezes é qualidade.

O que é um dia bom para si?
Acordar viva.

E um dia mau?

É quando me chateio com alguém, fico a pensar.

Como é que vive a enfermagem, agora que está reformada?

Continuo envolvida, continuo num grupo de enfermeiros *Cidadania e enfermagem*, um grupo informal, onde pensamos a enfermagem. E participo, acompanho, leio a revista do SEP. Acompanho também coisas de outros

países, ainda tenho muitos colegas, estive no Conselho Internacional dos Enfermeiros, no Conselho Diretivo, por quatro anos, e mantenho ali ligações.

O que diria a alguém que fosse começar hoje a exercer a enfermagem?

Antes do mais, que nunca deixe de ser enfermeira. Isto implica ser capaz de ouvir o outro, de cuidar do outro, cuidar-se a si própria, reivindicando aquilo que considera ser justo, participar para melhorar o que vai encontrar hoje. E, quando não quiser mais ser enfermeira, com isto tudo, ir embora.

Vamos definindo objetivos, alguns conseguimos, outros não conseguimos, e isso faz parte da vida. O trabalho coletivo é o que marca mais, porque sem trabalho coletivo não há objetivos que se atinjam, nem pessoais, quanto mais os objetivos de grupo.

Consulta a revista completa aqui